

A VOZ DO PANTANAL
UMA EXPERIÊNCIA DE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

POR

MARIA APARECIDA MORAES GARCIA

Trabalho final da disciplina Projetos Experimentais - JED 1401 do Curso de Comunicação Social - habilitação Jornalismo da UFSC. Professor Orientador Sérgio Ferreira de Mattos.

Florianópolis-1982

S U M Á R I O

I. INTRODUÇÃO

II. O BAIRRO DO PANTANAL

III. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

IV. CONCLUSÕES

V. BIBLIOGRAFIA

"A VOZ DO PANTANAL": UMA EXPERIÊNCIA DE COMUNICAÇÃO
COMUNITÁRIA

I. INTRODUÇÃO

O projeto original tinha por objetivo prioritário colocar nas mãos da comunidade do Pantanal um instrumento de comunicação. Alguns membros da comunidade iriam aprender a elaborar uma pauta, a fazer as matérias e mandar para a composição, diagramar as matérias compostas, acompanhar o trabalho de impressão gráfica e, por último, distribuir os jornais. Desta forma, as técnicas seriam manipuladas pela população enquanto autora dos meios e, não, como simples força de trabalho. No final do projeto, a comunidade estaria apta a continuar o jornal sem a minha orientação.

O jornal serviria como instrumento de organização do bairro. Nele seriam colocados os objetivos imediatos da população (problemas de calçamento, luz, esgoto, água, atividades de Conselho Comunitário, recados do Clube Coríntians, grupo de jovens, Instituto Teológico, etc), e também as atividades culturais - Boi de Mamão, poesias, reflexões, peças apresentadas no Teatrinho da Trindade.

A tecnologia seria transferida à comunidade, para que ela própria pudesse criar o seu instrumento de organização. A transferência de tecnologia seria repassada durante as reuniões para confecção do jornal. Caberia à comunidade, no caso, discutir nas reuniões e outros encontros de produção do jornal os itens ou temas relativos à sua organização, propostas de ação comunitária e ação política na forma de "grupo de pressão". O jornal se tornaria - enquanto instrumento - o porta-voz das aspirações da comunidade. Estaria à frente de um processo de interação comunitária.

II. O BAIRRO DO PANTANAL

À primeira vista, o Pantanal parece um bairro de classe média. Na rua principal - Deputado Antônio Edú Vieira - localizam-se as várias casas de alvenaria, pintadas, com rede de esgoto. Ali há luz, água encanada, um número grande de blocos de apartamentos, uma escola básica, universidade, uma empresa de televisão, uma empresa de energia elétrica, vários bares, padarias, açougue, farmácia, mini-mercado, loja de roupas, o Clube Recreativo Coríntians, o Instituto Teológico, várias oficinas, e até os transportes coletivos funcionam bem: os ônibus do Pantanal passam de 10 em 10 minutos. Além disso, a Prefeitura Municipal de Florianópolis coleta lixo todas as noites.

Com 1.700 famílias, o Pantanal é, contudo, um bairro completamente dividido. Apesar da existência de um Conselho Comunitário no local, há um abismo econômico, cultural e social entre os moradores.

Por trás da aparência desenvolvida da rua principal, observa-se no bairro um grande número de casebres de madeira, sem instalação elétrica, água corrente, rede de esgoto, coleta de lixo, condições de higiene. Aí moram as famílias de classe proletária, com chefes trabalhando na construção civil, no funcionalismo público (ETEFESC, IAPAS, ECT, ... etc), e as mulheres como faxineiras da Eletrosul, da TV Barriga Verde, da UFSC, do Grupo Escolar e de outros lugares.

No Sertão - uma região localizada no morro do Pantanal - há casebres que abrigam até três famílias, cujos filhos dormem no chão sem corbetores nem travesseiros. Lá planta-se alface, tomate, salsa, rabanete, cenoura e outros legumes para vender na feira, ou para o alimento. Os maridos geralmente fazem biscates; as mulheres cuidam da casa e dos filhos, ou fazem faxina por perto enquanto as crianças ficam na rua brincando, cuidando dos menores, ou ajudando o pai no trabalho quando maiores.

Grande parte da população do Pantanal é analfabeta (19 dos 54 entrevistados); outra grande parte tem o 1º grau completo ou incompleto (22), uma parte menor cursou o IIº grau (8) e uma minoria tem o superior incompleto (5).

A maioria das crianças cursa o primário na Escola Básica Beatriz de Souza Brito - no próprio bairro - e uma pequena parte estuda em colégios particulares (Colégio Catariense e Coração de Jesus).

III. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Primeiramente, o Prof. Ricardo Lanzetta (que me deu as primeiras orientações) e eu fomos ao Departamento de Assuntos Comunitários e Estágios - DACES, coletar alguns dados sobre o Conselho Comunitário do Pantanal, já que o mesmo pediu ao DACES um apoio universitário no sentido de criar um jornal no seu bairro. Lá conseguimos o nome do presidente do Conselho, os dias de reuniões, hora, local, etc.

Em seguida, procurei o presidente do Conselho Comunitário Harildon Savi, e conversamos algumas horas sobre a possibilidade de um jornal, os assuntos discutidos nas reuniões de conselho, as atividades que eles já tinham desenvolvido, etc.

Uma semana depois tive o primeiro contato com a comunidade, participando de uma reunião realizada na Escola Básica Beatriz de Souza Brito, na primeira terça-feira de agosto. Estavam reunidas 22 pessoas. Pude me apresentar, falar do projeto, pedir sugestões sobre o nome do jornal, número de páginas, delimitação de assuntos, tamanho, tiragem e outras características do jornal.

O nome do jornal foi votado democraticamente: A VOZ DO PANTANAL. As decisões tomadas foram: o jornal teria 12 páginas, tamanho tablete (menor que o tablôide), uma tiragem de 1.700 exemplares, secções de esporte, atividades do conselho, reivindicações da população, a arte do povo, editorial, etc.

Nesta reunião foi marcado um outro encontro nos mesmos local e hora, onde se constituíram as equipes e eu pude explicar os objetivos de uma pauta, os macetes de uma entrevista.

As equipes escolheram os assuntos da pauta, formularam perguntas e se dividiram para entrevistar esta ou aquela pessoa.

Fiquei muito empolgada e até surpresa com a iniciativa deles, mas comecei a notar que as mesmas pessoas que participaram da primeira reunião também estavam presentes nesta.

Na terceira reunião, quando coletei as matérias feitas por eles, concluí que todos eram membros do Conselho Comunitário e que as outras pessoas do bairro não participavam destas reuniões.

As matérias foram modificadas um pouco, encaminhadas para a composição da Imprensa Universitária e, depois, diagramadas no Curso de Jornalismo pelo Prof. Lanzetta, Prof. César Valente, por mim e pelo presidente do Conselho. Esta foi a única pessoa do Pantanal a participar da diagramação e a se interessar pelos trabalhos realizados na gráfica. Comentei isso numa reunião e eles alegaram falta de tempo, mas, no fundo, era falta de interesse mesmo. Eles acham esse trabalho difícil de aprender, demorado e cansativo.

Depois de muito tempo (a Imprensa Universitária ^{pediu} uma série de autorizações, assinaturas, orçamentos, etc, demorou bastante para imprimir o jornal. Muita burocracia e pouco trabalho!), o primeiro número de "A VOZ DO PANTANAL" ficou pronto e foi distribuído nos pontos movimentados (escola, bares, farmácia, padarias, açougue) e nas residências.

Quanto ao custo do jornal, conseguimos um grande abatimento na Gráfica Universitária com o apoio do Pró-Reitor Hamilton Savi (que ajudou porque é irmão do presidente do Conselho Comunitário do Pantanal). O restante foi pago com a publicação do anúncio das padarias, oficinas e armazéns do bairro. Cada comerciante dava a quantia que pudesse. Variava entre dois a cinco mil cruzeiros.

No segundo jornal, a iniciativa por parte dos moradores era bem maior. Eles marcaram as três reuniões, escolheram os assuntos das pautas, determinaram as pessoas que iriam fazer as entrevistas, combinaram encontro entre as equipes para redigirem as matérias. Eu fiquei o tempo todo observando e anotando, animada com o interesse deles. Notei que eles estavam mais seguros, sentindo-se capazes de se reunir, elaborar a pauta, fazer entrevistas, redigir as matérias. O desinteresse pela diagramação apareceu novamente. No segundo número do jornal nem o presidente do Conselho compareceu a todas as reuniões de diagramação.

Nesta fase de projeto senti que ele estava me beneficiando - comecei a ter experiência com um jornal. Recebi orientação do Prof. Gatti, que me deu as noções básicas de diagramação e me esclareceu muita coisa sobre arte gráfica. Eu me senti segura para diagramar o jornal; nunca tinha feito isso

antes. Foi muito gratificante sentir que estava aprendendo alguma coisa, e que a comunidade estava participando ativamente das outras fases de elaboração do "Voz do Pantanal". Foi um período meio de ilusão e ingenuidade de minha parte. Eu realmente achava que o projeto estava dando certo.

Quando o segundo número foi distribuído eu passei em 17 casas do bairro para fazer o levantamento da receptividade do jornal. A maioria dos entrevistados não tinha lido o jornal (14). Destes 14, oito pessoas não receberam o jornal em suas casas; três não sabiam ler, e três não leram porque não tinham tempo ou interesse.

Das três pessoas que leram o jornal, duas não sabiam quem tinha participado da confecção, mas tinham gostado da idéia e do conteúdo; uma delas achou que o jornal falava muito do conselho comunitário, e ela era contra a existência do Conselho.

Nestas entrevistas aproveitei para ver se a população conhecia o Conselho. Dos 17 entrevistados, 13 nunca tinham ouvido falar do Conselho Comunitário, não sabiam os objetivos de um Conselho, e não conheciam os membros que constituem o Conselho em seu bairro. Duas pessoas que moram na rua do presidente do Conselho "sabiam que ele - Harildon Savi - reunia pessoas do grupo escolar para discutir problemas do bairro"; uma delas achava que o Conselho servia para fazer mutirões; e uma outra achava que o Conselho não solucionava nada, que era "obra da prefeitura".

Este foi um período bastante importante do projeto experimental: eu comecei a perceber que havia uma distância muito acentuada entre o Conselho Comunitário e o resto da população. Os moradores enfrentam uma série de problemas de infraestrutura no bairro, e não sabem que existe um Conselho onde se pode fazer reuniões, discutir os problemas e procurar soluções, se organizar, formar "grupos de pressão". Por outro lado, o Conselho é formado por um pequeno grupo da classe média que não se preocupa com os problemas do bairro, ou com a desorganização dos moradores e, sim, solucionar seus próprios problemas. Um exemplo claro disso está no calçamento e iluminação de ruas cujos moradores fazem parte do Conse

lho.

A prefeitura dá aos conselhos comunitários dos bairros uma verba mensal, e faz reuniões para saber das atividades de cada um.

O presidente pediu o jornal com urgência, porque em agosto haveria uma reunião na prefeitura com todos os presidentes dos Conselhos, e ele gostaria de mostrar o jornal para provar como o seu Conselho estava ativo e sua comunidade organizada.

Eu estava sendo usada pelo Conselho Comunitário, e a comunidade do Pantanal não estava ganhando nada com o jornal.

Uma certa nuvem de desânimo pairou sobre o projeto. Eu não sentia mais ânimo para continuar o jornal e ser "assessora de imprensa" do conselho Comunitário. Foi quando recebi orientações mais frequentes do Prof. Sérgio Mattos e discutimos bastante sobre o problema que eu estava enfrentando no Pantanal: a divisão entre o Conselho e o resto da população.

Coloquei o problema numa das reuniões do Conselho. Li as respostas das entrevistas. Disse que o desconhecimento das atividades deles por parte da comunidade era geral e questionei a validade daquele trabalho. Sugeri também uma matéria no próximo número do jornal colocando a opinião da população sobre o Conselho Comunitário de seu bairro, e as reivindicações que os moradores gostariam de fazer. Os membros se recusaram em fazer esse tipo de trabalho. Outro assunto para pauta do próximo jornal que eles não aceitaram foi a vida das faxineiras do Pantanal, os problemas que elas enfrentam com o excesso do trabalho, a baixa remuneração, a falta de creches, os problemas de saúde etc.

Pude constatar que os membros do Conselho tinham medo de colocar esses tipos de matérias no jornal e do pessoal da prefeitura ler. Toda a aparência de organização de bairro Classe média que eles queriam manter do Pantanal, iria cair por terra. As faxineiras iriam contar "muitas coisas tristes", muitos problemas que encontram com frequência. Os moradores iriam declarar que não conhecem os membros do Conselho, que não sabem de sua existência, ou que não acreditam no seu trabalho. O Conselho seria desmoralizado perante a prefeitura com esse tipo

de matéria, por isso eles se recusaram a aceitar minha idéia.

Continuei as entrevistas com os moradores do Pantanal, agora com um objetivo mais amplo: conhecer a realidade do bairro. Eu jamais poderia ter começado o jornal sem conhecer a comunidade. Se as entrevistas tivessem sido feitas antes da execução do projeto, o jornal não seria como "A Voz do Pantanal". Primeiro porque eu iria constatar que um grande número de pessoas são analfabetas, segundo porque os moradores do Pantanal não têm o hábito de ler jornais, revistas; terceiro porque um jornal de 8 páginas escritas com pouca ilustração é muita coisa para quem não tem tempo ou chega todos os dias cansado do trabalho. Uma outra coisa que eu iria constatar com a pesquisa é essa grande distância entre o Conselho Comunitário e o resto da população, e jamais faria o jornal sabendo que ele serviria somente aos membros do Conselho.

As entrevistas começaram a ser feitas rapidamente, e eu senti muita dificuldade em saber algo mais da vida dos moradores além de dados como idade, número de filhos, grau de escolaridade, salário, local de trabalho.

As entrevistas estavam sendo feitas pela manhã. As pessoas quase não tinham tempo de me atender direito. Senti que elas me respondiam rapidamente, para que o questionário acabasse logo e elas pudessem voltar a lavar roupa, preparar o almoço, continuar o trabalho interrompido por mim.

O Prof. José Gatti me perguntou se eu ainda não tinha "tomado café na casa da Dona Maria". Senti que era necessário chegar mais perto da população, conhecer seu dia-a-dia, seus problemas, mas não via muitas perspectiva para isso, já que os resultados das primeiras entrevistas não eram das melhores.

Expus o problema ao Prof. Sérgio Mattos e chegamos a conclusão de que eu deveria fazer visitas nas casas das pessoas sem questionários e canetas na mão, e aparecer em momentos de menor ocupação das donas-de-casa e dos trabalhadores.

Os resultados foram muito gratificantes. Passei a conversar informalmente com os moradores e durante mais tempo. Consegui captar muito mais a realidade deles do que se ficasse fazendo as mesmas perguntas do início.

Concluí com a pesquisa que os moradores do Pantanal têm objetivos e modo de vida completamente diferentes. Alguns leem muito (universitários), outros só leem jornais aos domingos, outros ainda gostam de ler fotonovelas, revista amiga, e a maioria não lê nem jornais, nem revistas.

Grande parte dos entrevistados ficam sabendo dos acontecimentos através da televisão. Além dos noticiários, gostam de assistir novelas e programas humorísticos.

Existe um grande número de mulheres do Pantanal, mas elas mal se conhecem. Algumas trabalham no funcionalismo público, outras como faxineiras, outras são aposentadas, outras donas de casa e assim por diante. Elas têm uma maneira de viver diferente. É quase inacreditável que morem na mesma cidade e no mesmo bairro. Tem mulheres que educam os filhos de uma maneira mais liberal (2 das 32 entrevistadas), outras são mais tradicionais (26), outras ainda não se preocupam ou não têm tempo de se preocuparem com a educação que estão dando aos filhos (4).

Dos 54 entrevistados apenas cinco gostariam de participar da confecção do jornal; 43 alegaram falta de tempo, e 6 pessoas disseram que um jornal do bairro do Pantanal não iria beneficiar em nada.

IV. CONCLUSÕES

Esse foi um projeto de comunicação comunitária que não deu certo. Ele serviu como exemplo às próximas turmas de comunicação que realizarem um projeto em comunidade, para que não cometam os mesmos erros que eu cometi.

A primeira conclusão que eu cheguei com a execução deste projeto é que, de maneira alguma, se pode iniciar um projeto sem conhecer a realidade do local. É impossível lançar um instrumento de comunicação numa comunidade que não se conhece o grau de escolaridade, o nível sócio-econômico, a intimidade de sua vida cotidiana, as suas contradições, os seus objetivos imediatos, os seus problemas, etc.

A segunda conclusão é que existe toda uma mistificação em torno do conceito de comunidade e do trabalho comunitário. Primeiro se imagina que comunidade é o grupo de pessoas que moram num determinado bairro. Além disso parece fácil realizar um projeto de comunicação comunitária. Chega-se a pensar que é só ter força de vontade, escolher um bairro que não tenha jornal, reunir os moradores, ensinar as técnicas e fazer o jornal. Não é por aí. Antes de tudo é necessário que haja organização no bairro, objetivos imediatos e históricos comuns entre os moradores, para que o jornal sirva realmente de instrumento de organização, para que ele reforce as lutas da comunidade.

O bairro do Pantanal ^{não} é uma comunidade. Como um projeto de comunicação comunitária poderia dar certo num bairro tão dividido e desorganizado? Mesmo que o jornal não partisse do Conselho Comunitário, ele não conseguiria atender a todos os moradores, aos diversos interesses e objetivos.

V. BIBLIOGRAFIA

01. DIAZ BORDENAVE, Juan & CARVALHO, Horácio Martins de. Comunicação E Planejamento. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
02. FERREIRA, Francisco Whitaker. Planejamento sim e não. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
03. CARDET, Ricardo. Manual de Jornalismo. 2ª ed. Lisboa, No vo Mundo, 1979.